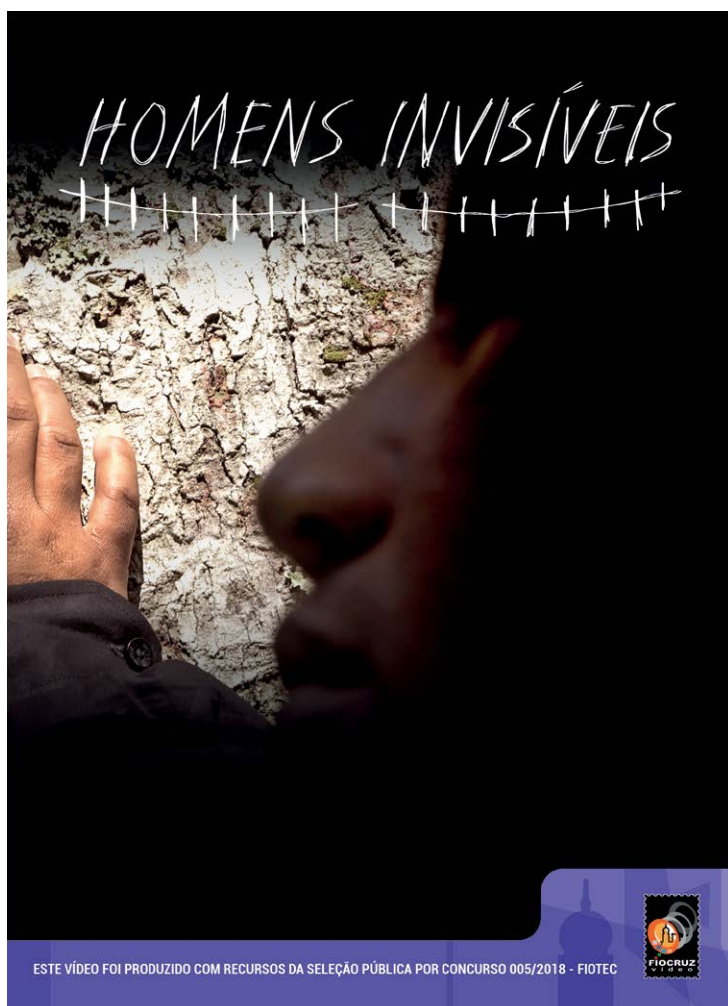


Homens (in)visíveis: os desafios de transmasculinos no sistema prisional brasileiro

In(visible) men: the challenges of trans masc men in the Brazilian prison system

Hombres (in)visibles: los desafíos de los hombres transmasculinos en el sistema penitenciario brasileño



Dom Condeixa de Araújo^{1,a}

acondeixa@unifesspa.edu.br | <https://orcid.org/0000-0002-5136-9022>

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Faculdade de Comunicação. Rondon do Pará, PA, Brasil.

^a Doutorado em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz.

RESUMO

Esta resenha tem como objetivo analisar criticamente o filme *Homens invisíveis*. Roteirizado e dirigido com extrema sensibilidade por Luis Carlos de Alencar, o documentário aborda as dificuldades, os preconceitos e os desafios enfrentados por esses homens na luta diária por reconhecimento e respeito em uma sociedade marcada pela transfobia. O filme é estruturado a partir dos relatos pessoais de homens trans de diferentes contextos sociais, que compartilham suas experiências, em especial, durante o período em que estiveram reclusos no sistema prisional. Como resultado, o documentário leva o espectador a entender os desafios enfrentados pelos homens trans; a refletir sobre o sistema prisional e sua relação com a diversidade; a valorizar histórias individuais; e, sobretudo, a desafiar seus próprios preconceitos, promovendo uma reflexão sobre dignidade humana, direitos e inclusão social.

Palavras-chave: Homens trans; Transfobia; Sistema prisional; Diversidade; Direitos humanos.

ABSTRACT

This review aims to critically analyze the film *Homens invisíveis* (Invisible men). Written and directed with extreme sensitivity by Luis Carlos de Alencar, the documentary addresses the difficulties, prejudices, and challenges faced by these men in their daily struggle for recognition and respect in a society marked by transphobia. The film is structured around personal accounts of transgender men from diverse social backgrounds, who share their experiences, particularly during their time of incarceration in the prison system. As a result, the documentary challenges the viewer to understand the struggles faced by transgender men; reflect on the prison system and its relationship with diversity; appreciate individual stories; and, above all, confront their own prejudices. It promotes a reflection on human dignity, rights, and social inclusion.

Keywords: Trans men; Transphobia; Prison system; Diversity; Human rights.

RESUMEN

Esta reseña tiene como objetivo analizar críticamente la película *Hombres invisibles*. Escrita y dirigida con extrema sensibilidad por Luis Carlos de Alencar, el documental aborda las dificultades, los prejuicios y los desafíos que enfrentan estos hombres en su lucha diaria por el reconocimiento y el respeto en una sociedad marcada por la transfobia. La película se estructura a partir de los relatos personales de hombres trans de diferentes contextos sociales, quienes presentan sus experiencias, especialmente durante el tiempo que estuvieron reclusos en el sistema penitenciario. Como resultado, el documental desafía al espectador a comprender los retos que enfrentan los hombres trans; a reflexionar sobre el sistema penitenciario y su relación con la diversidad; a valorar historias individuales; y, sobre todo, a cuestionar sus propios prejuicios. La obra promueve una reflexión sobre la dignidad humana, los derechos y la inclusión social.

Palabras clave: Hombres trans; Transfobia; Sistema penitenciario; Diversidad; Derechos humanos.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Obra resenhada: HOMENS invisíveis. Direção: Luis Carlos de Alencar. Produção: Andriara Ramos Pereira, Vladimir Seixas. Rio de Janeiro: Couro de Rato: VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz, 2019. 1 vídeo (25:52 min). Disponível em: <https://youtu.be/fKW2fkCFmfs?si=jqivzsid5tuthYQF>. Acesso em: 5 fev. 2025.

Contribuição dos autores: O autor é responsável por todo o texto.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 5 fev. 2025 | aceito: 24 fev. 2025 | publicado: 28 mar. 2025.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciiis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

Ao contar a história de homens trans, a obra em análise – o documentário *Homens invisíveis*, lançado pela VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz em 2019, roteirizado e dirigido por Luis Carlos de Alencar – não só apresenta um documento que pode servir como memória, educação ou parte de uma luta, mas também abre uma cortina importante e necessária.

No senso comum, a transexualidade representa, de maneira geral, tanto uma atualização quanto uma contestação prática das interpretações historicamente construídas sobre masculinidade e feminilidade, baseadas na concepção binária e heteronormativa (Bento, 2017). Indivíduos cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo biológico atribuído no nascimento são reconhecidos como transexuais

Para algumas dessas pessoas, os questionamentos sobre seu papel na sociedade tornam-se cada vez mais recorrentes à medida que sua identidade é moldada por fatores sociais e culturais.

O documentário parte das histórias de abuso e violência enfrentadas por cinco homens trans no sistema prisional. Mostra, a partir das narrativas de histórias de vida, os desafios enfrentados por eles e denuncia a falta de políticas públicas e de acolhimento adequado dentro das prisões. A transfobia, o desrespeito, a violência e a marginalização enfrentados por esse grupo convidam o espectador a refletir sobre os desafios vividos cotidianamente por esses homens invisibilizados.

O cineasta e documentarista Luis Carlos de Alencar não é um estreante. Tem entre seus trabalhos os documentários *Bombadeira* (2007) e, mais recentemente, *Não é a primeira vez que lutamos pelo nosso amor* (2022), que trata das lutas e resistências da comunidade LGBTI+¹ no Brasil. O diretor tem como eixo central de sua carreira os direitos humanos. Seu trabalho é focado nas questões sociais, nas lutas de grupos que vivem à margem, em especial a comunidade LGBTI+, as populações periféricas e vítimas da violência do Estado. A obra de Alencar demonstra seu compromisso pessoal com a denúncia das desigualdades, a valorização da diversidade e a preservação da memória de movimentos sociais.

¹ LGBTI+ é a sigla que representa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais não heteronormativas. O "+" indica a inclusão de outras identidades que não estão explicitamente mencionadas na sigla, como pessoas assexuais, pansexuais, não-binárias, queer, entre outras (Unaiids Brasil, 2017).

A VideoSaúde Distribuidora é uma iniciativa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), vinculada ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict). Ao realizar captação, produção, distribuição, preservação, pesquisa, catalogação e tratamento de audiovisuais sobre saúde e ciência, a distribuidora assume o importantíssimo papel de difundir o conhecimento sobre temas essenciais para a saúde coletiva, ao promover debates que visam fortalecer, em especial, o Sistema Único de Saúde (SUS). Dispõe de um acervo extenso com variados temas que incluem saúde mental, doenças negligenciadas e saúde indígena. Importante destacar que suas produções se encontram disponíveis na plataforma gratuita [Fioflox](#), da VídeoSaúde² que está disponível para consulta pública, e no canal do YouTube. Todo o material é livre e gratuito, acessível não só para profissionais da saúde, como para o público em geral.

Vale ressaltar que os documentários desempenham um papel fundamental ao registrar histórias e expor realidades repetidamente ignoradas, dessa maneira provocando reflexões sobre temas sociais, políticos e/ou culturais. Os documentários são ferramentas poderosas de informação, conscientização e mobilização, podem ser utilizados na educação, no jornalismo e no ativismo social. Desempenham um papel crucial na promoção dos direitos humanos ao expor realidades muitas vezes invisibilizadas e estimular a reflexão crítica. Documentam apenas a realidade e contam com o poder de transformá-la. É essa capacidade de transformação que é essencial na luta contra a transfobia e pelos direitos humanos em geral, pois, ao dar voz às experiências de pessoas trans, as produções promovem empatia e compreensão.

HOMENS INVISÍVEIS: NARRATIVAS DE ENFRENTAMENTO E SOBREVIVÊNCIA

É num cenário simples, minimalista – uma cadeira em meio a um bosque –, que Pablo de Almeida, Dann Santos, Léo Moreira Sá, Joisep Corrêa e John Maia apresentam suas histórias e, com isso, trazem um panorama da transfobia e do desrespeito aos homens trans desde a abordagem policial e a experiência na prisão. Com muita sabedoria, o autor não explora a fundo os motivos que os levaram a serem presos, se foram confundidos ou se descumpriram a alguma lei. De fato, não importa. Curioso também o fato de haver depoimentos não creditados, o que demonstra o respeito do autor com o sigilo e a proteção do depoente. Também não é possível afirmar que as histórias contadas pelo ator Léo Moreira Sá são fruto da sua experiência ou da experiência de outros a quem ele empresta voz e imagem.

Personagens em cena

Pablo de Almeida – tatuador e cuidador de cães, preso ao sair de uma boate

Pablo de Almeida é um jovem homem trans. Conta que foi abordado quando saía de uma boate e foi confundido com um assaltante. Destaco aqui duas frases de seu depoimento para ilustrar o que corpos trans podem enfrentar: “*Eles pensaram que eu era homem e me bateram*”; “*Não me deram oportunidade de falar, só falei na minha primeira audiência, oito meses depois*”. O trecho “[...] pensaram que eu era homem” indica a suposição feita pelos agressores sobre a identidade de gênero do falante, enquanto “[...] me bateram” descreve a ação violenta resultante dessa suposição. Percebe-se, pela fala de Pablo, a fragilidade de quem, por alguns minutos, desejaria não ser quem é para não apanhar.

² A plataforma Fioflox é uma plataforma que disponibiliza conteúdos audiovisuais relacionados à saúde, ciência e tecnologia. A VideoSaúde é responsável pela curadoria e distribuição de materiais educativos e informativos, contribuindo para a promoção da saúde pública no Brasil. Essas iniciativas reforçam o compromisso da Fiocruz em promover a saúde e disseminar informações de qualidade para a população.

Dann Santos – estudante de serviço social

De todos os depoimentos, o de Dann é o único que, de alguma forma, tem humor. Seu jeito de contar a história leva a momentos em que o espectador se pega rindo junto com o depoente. Destaco a parte em que a polícia divide homens e mulheres em filas distintas. Dann nos conta que pelo fato de estar escuro, ele entrou na fila de homens sem ser interpelado. Assustado com a violência com que tratavam os homens, esperou sua hora de levar uma cadeirada, até que uma policial avisou: “Não, ela é mulher!” Dann retrucou: “Não, eu sou homem.” Sua namorada ainda o aconselhou a calar a boca. Pela insistência em se afirmar homem fixou-se na fila de homens, apanhou, mas crê que com menos força. Fica explícito que a menor incidência de força não foi por conta de se tratar de um corpo nascido feminino, mas por conta do corpo de delito.

De todos os depoimentos, esse talvez seja o mais lúcido e o que rendeu mais. Dann afirma que a prisão o fez perder um pouco de sua humanidade e o tornou mais violento, a ponto de bater em suas companheiras. Por outro lado, traz a violência sofrida no ginecologista e o desrespeito ao seu corpo.

Léo Moreira Sá – ator

“Só senti o cano do revólver na minha testa e o cara já foi me jogando na parede.” Com essa frase Léo inicia sua narrativa. Logo no primeiro depoimento de Léo Moreira Sá aparece outro rosto, o que dá a entender que ele está dando corpo a outro personagem. A história contada por Léo é marcada pelo pedido para fazer a revista sozinho, sendo esse momento o mais difícil. O ator também nos traz uma lembrança infantil, quando a mãe o obrigava a usar uniforme feminino na escola e ele insistia em afirmar que não era menina.

Joisep Corrêa – auxiliar de serviços gerais

Não ter o nome respeitado pelo sistema e constantemente ser chamado pelo nome morto é o mote da história de Joisep.

John Maia – porteiro

Para John, a falta de acesso à terapia hormonal foi a maior violência enfrentada. Não ter seu direito ao uso da testosterona respeitado é o que marca seu depoimento.

Vozes autorizadas: depoimentos que reiteram a necessidade urgente de reconhecimento dos direitos de homens trans à saúde e à segurança

A participação de Alessandra Ramos³, presidente do Instituto Transformar, mulher negra trans, no documentário, destaca e legitima a invisibilidade dos corpos trans, questão trazida pelos cinco personagens, não só pelo fato de ela ser uma mulher trans, mas pelo papel que ocupa. Tal como no livro de Judith Butler, Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? (2009), Alessandra Ramos nos instiga a pensar a existência de uma regra para definir quais corpos são visíveis e valorizados e quais são invisibilizados e/ou desvalorizados.

A médica de família e comunidade Andreia Beatriz Santos, uma referência em saúde prisional, revela algo profundo e trágico ao explicar que o espaço da prisão foi criado para privar as pessoas de liberdade e, por conseguinte, os outros direitos acabam por ser secundários. Já a advogada Natália Damazio Pinto Ferreira, doutora em teoria do Estado e em direito constitucional, tem uma fala cirúrgica, quando afirma

³ Alessandra Ramos Makkeda (1981-2022) foi uma proeminente ativista brasileira, reconhecida por sua defesa dos direitos humanos e da comunidade LGBTI+, especialmente das pessoas trans e negras (Fiocruz, 2022).

que o sistema como um todo já pode ser caracterizado como tortura. Natália Ferreira nos traz a dimensão da tortura, não necessariamente a física ou a psicológica, mas a causada pela falta de cidadania e pelo desrespeito aos cidadãos transmasculinos presos.

Coube à pesquisadora Adriana Geisler, do Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI), trazer o conceito de saúde, tal como o entende a Organização Mundial da Saúde (OMS), para pontuar a importância da hormonização para pessoas transmasculinas. O desrespeito às questões estéticas fere o direito à saúde não só física como também mental, uma vez que o corpo, sem a terapia hormonal, causa às pessoas trans um não reconhecimento de si.

Por fim, Amiel Vieira, doutor em bioética, ética aplicada e saúde coletiva, cofundador da Associação Brasileira de Intersexos (ABRAI) e primeiro a ter o título de doutor intersexo no país é quem, também do lugar de pessoa trans, aponta a importância do respeito ao nome social, à falta de respeito com os corpos trans no exame ginecológico, entre outras situações. Amiel faz uma leitura importante de situações, infelizmente, muito comuns aos homens trans.

SOBEM OS CRÉDITOS: VAMOS ÀS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns pontos aparecem no depoimento de todos, para além dos episódios de transfobia, violência e descaso com a saúde. São eles: a facilidade em arrumar namoradas, mulheres cisgêneras dentro da prisão; o quanto corpos transmasculinos fazem sucesso; e o fato de serem muito desejados provocar briga entre as mulheres.

Entretanto, alguns pontos são pouco explorados, em minha opinião. São eles: a interseccionalidade; a pluralidade dos corpos trans; e a questão da escolaridade, ou mesmo do mercado profissional, de homens trans e transmasculinos.

De acordo com Akotirene: “[...] a interseccionalidade é uma ferramenta analítica essencial para compreender as múltiplas dimensões da opressão” (2019, p. 45). O filme, por exemplo, não explora como os diferentes marcadores sociais da diferença – gênero, raça, classe, sexualidade, idade, deficiência e nacionalidade – influenciam as experiências contadas. Explorar mais profundamente alguns conceitos talvez trouxesse outras reflexões aos expectadores, embora esses marcadores não atuem isoladamente – pelo contrário, eles se interconectam e constroem relações sociais e estruturas de poder, marcadas por jogos entre privilegiados e oprimidos. Também, ao narrar a “revolução” causada pelo namoro entre um homem trans e uma mulher masculina, não foram exploradas as diferenças entre orientação sexual, identidade de gênero e papéis de gênero.

A evasão escolar de pessoas trans é frequentemente atribuída à transfobia e à falta de acolhimento no ambiente educacional. Estudos apontam que 85% dos homens trans e 50% das mulheres trans já experimentaram sofrimento ou angústia relacionados ao corpo, sentimentos que podem ser exacerbados por experiências negativas na escola.

No que tange à inserção profissional, uma pesquisa de 2020 realizada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) (Schmidt, 2020) revelou que apenas 13,9% das mulheres trans e travestis tinham emprego formal, em contraste com 59,4% dos homens trans que estavam empregados formalmente. Os dados sugerem que homens trans alcançam, em média, níveis mais elevados de escolaridade e têm maior presença no mercado de trabalho formal em comparação mulheres trans e travestis. Fatores como discriminação de gênero, transfobia e estigmatização social podem contribuir para essas disparidades, afetando de maneira mais acentuada as mulheres trans e travestis.

Segundo o levantamento realizado no primeiro semestre de 2024 pela Secretaria Nacional de Políticas Penais (SENAPPEN), a população carcerária corresponde a 663.387 pessoas em cumprimento de pena em celas físicas, em estabelecimentos com capacidade apenas para 488.951 indivíduos (Brasil, 2024).

No que tange ao encarceramento das pessoas LGBTI+ os dados disponíveis demonstram que para a custódia dessa população apenas 224 unidades possuem celas exclusivas e 66 possuem alas próprias, bem como a inexistência de celas, alas ou vagas específicas em alguns estados brasileiros. A coleta de dados precisos sobre a população trans no sistema prisional é fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas que garantam seus direitos e promovam condições dignas de cumprimento de pena.

Analisando outro importante aspecto, a experiência de homens trans no sistema prisional é desafiadora e envolve a interseção entre a identidade de gênero e as estruturas de um sistema fortemente cis-heteronormativo. Homens trans enfrentam dificuldades específicas desde a abordagem da polícia até o sistema prisional, no qual a ausência de políticas inclusivas e de reconhecimento de suas identidades ameaça sua integridade física e emocional, além de promover a marginalização desses indivíduos.

Em uma sociedade patriarcal, machista e cis-heteronormativa, as pessoas trans e travestis enfrentam desafios ainda mais intensos devido à interseção de diversas opressões. Esse modelo social reforça normas rígidas de gênero e exclui ou marginaliza identidades que fogem da cisgeneridade e da heterossexualidade. Documentários como *Homens invisíveis* iluminam corpos, vidas e histórias. Então, que tal furar a bolha? Avoé que tem muito pra mudar!

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019. (Feminismos Plurais).

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Tradução: Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e André Telles. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Salvador, BA: Editora Devires, 3. ed. 2017.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Secretaria Nacional de Políticas Penais. Sistema Nacional de Informações Penitenciárias. **Relatório de Informações Penais**: 16º ciclo Sisdepen. Brasília, DF: Sisdepen, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/assuntos/noticias/senappen-divulga-levantamento-de-informacoes-penitenciarias-referente-ao-primeiro-semester-de-2024/relipen-1-semester-de-2024.pdf/view>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Escola Nacional de Saúde Pública. Nota de falecimento de Alessandra Makkeda. **Informe ENSP**, Rio de Janeiro, 16 maio 2022. Disponível em <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/53030>. Acesso em: 10 mar. 2025.

HOMENS invisíveis. Direção: Luis Carlos de Alencar. Produção: Andriara Ramos Pereira, Vladimir Seixas. Rio de Janeiro: Couro de Rato; VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz, 2019. 1 vídeo (25:52 mim). Disponível em: <https://youtu.be/fKW2fkCFmfs?si=Jqivzsid5tuthYQF>. Acesso em: 5 fev. 2025.

SCHMIDT, Sarah. As barreiras para as pessoas trans. **Pesquisa Fapesp**, São Paulo, 14 jul. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-barreiras-para-as-pessoas-trans/>. Acesso em: 31 jan. 2025.

UNAIDS BRASIL. **Guia de terminologias do Unaid**s. Brasília, DF: Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS, 2017. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2015/06/WEB_2018_01_18_GuiaTerminologia_UNAIDS.pdf Acesso em: 12 mar. 2025.